

ABORDAGENS PRÁTICAS PARA POTENCIALIZAR A APRENDIZAGEM DA ESCRITA DOS ALUNOS COM DISGRAFIA

Sileide Maria Oliveira de Araújo¹

Andréa Bárbara de Fraga Ferraz²

Kátia Cristina Gomes de Lemos³

Márcia Regina Cristovam Pessoa⁴

Márcia Cristina de Souza Barros⁵

Professor Dr. Felipe Gustavo Soares da Silva⁶

RESUMO

Esta pesquisa tem como proposta significativa de inclusão para alunos com disgrafia, termo utilizado para descrever um transtorno de aprendizagem específico relacionado à dificuldade de escrita, que afeta o desempenho da grafia legível. Vale ressaltar que, a disgrafia pode estar associada a diversos fatores neurológicos, psicológicos, oftalmológicos e auditivos, em decorrência das dificuldades na coordenação motora fina, indispensável para o ato de escrever. Desta forma, o presente trabalho busca refletir sobre o questionamento: quais estratégias educacionais podem ser utilizadas para auxiliar aluno com disgrafia a melhorar sua habilidade de escrita? Neste sentido, o objetivo geral visa analisar as intervenções práticas, inclusivas e adaptadas para o desenvolvimento das habilidades de escrita dos alunos com disgrafia. Além disso, os objetivos específicos propõem: a) descrever as características da disgrafia. b) reconhecer no processo de aprendizagem da escrita as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos com disgrafia. c) planejar atividades lúdicas para alunos com ou sem transtorno de aprendizagem. Em abordagem qualitativa, o estudo fundamenta-se em uma pesquisa-intervenção, utilizando-se, deste modo, métodos com atividades de experiência sensorial, atividades psicomotoras, atividades de grafomotricidade, jogos, desenhos e pinturas. Os autores que embasam o artigo são: Mantoan (2007), Torres (2019), Silva (2028), Bastos (2013), Andrade, P. O. et al (2016), Ferreira (2018) e Wallon (1995). Portanto, a pesquisa demonstrou que a intervenção precoce na vida do indivíduo é de suma importância para amenizar as dificuldades da disgrafia. Em vista disso, estratégias como estímulos linguísticos globais e a ludicidade promovem situações prazerosas para que a criança utilize a escrita, bem como as atividades que auxiliam o desempenho motor possibilitando resultados positivos no processo de ensino-aprendizagem.

Palavra-chave: Disgrafia, Inclusão, Grafomotricidade, Psicomotricidade, Intervenções.

¹ Pós-graduada pelo Curso de Psicopedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO - PE, sileidepsicopedg@gmail.com;

² Pós-graduada pelo Curso de Educação Especial da Faculdade Frassinete do Recife – PE; andrea_fferraz.pe@outlook.com;

³ Pós-graduada pelo Curso de Gestão e Docência Educação Especial e Inclusiva da Faculdade Europeia de Administração e Marketing - PE-gkatia035@gmail.com;

⁴ Pós-graduada pelo Curso de Psicopedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO - PE, marciareginacristovampessoa.67@gmail.com;

⁵ Pós-graduada pelo Curso de Psicopedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO -PE, - UF, mesbarros72@gmail.com;

⁶ Professor Felipe Gustavo Soares da Silva: Doutor pela Faculdade de Ciência Humanas de Olinda- FACHO –PE, felipefgds@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como proposta significativa de inclusão para alunos com disgrafia, termo utilizado para descrever um transtorno de aprendizagem específico relacionado à dificuldade de escrita que afeta o desempenho da grafia legível, frequentemente relacionado a uma deficiência nas habilidades motoras finas. Vale ressaltar que a disgrafia pode estar associada a diversos fatores neurológicos, psicológicos, oftalmológicos e auditivos, em decorrência das dificuldades na coordenação motora fina indispensável para o ato de escrever.

Desta forma, o presente trabalho busca refletir sobre o questionamento: quais estratégias educacionais podem ser utilizadas para auxiliar aluno com disgrafia a melhorar sua habilidade de escrita? Neste sentido, o objetivo geral visa analisar as intervenções práticas, inclusivas e adaptadas para o desenvolvimento das habilidades de escrita dos alunos com disgrafia. Além disso, os objetivos específicos propõem: a) descrever as características da disgrafia. b) reconhecer no processo de aprendizagem da escrita as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos com disgrafia. c) planejar atividades lúdicas no processo de aprendizagem dos alunos com ou sem transtorno de aprendizagem disgrafia.

METODOLOGIA

Em abordagem qualitativa, o estudo fundamenta-se em uma pesquisa pesquisa-intervenção, utilizando-se, deste modo, métodos com atividades de experiência sensorial, atividades psicomotoras, atividades de grafomotricidade, jogos, desenhos e pinturas.

A proposta foi elaborada com atividades práticas para que fossem adaptadas às necessidades individuais dos alunos, a fim de que fosse possível a realização de forma progressiva e lúdica.

No primeiro momento, os alunos participaram de atividades de jogar a bola para cima e pegar, esta atividade apresenta ser simples, mas é importante, porque quando se lança e pega uma bola de diferentes tamanhos e texturas, é um exercício de psicomotricidade que melhora a coordenação mão-olho e controle motor. Desse modo, tem como finalidade desenvolver a coordenação ampla, pois com estes movimentos é capaz de auxiliar nas habilidades motoras e cognitivas, melhorando o controle do corpo e a escrita, uma vez que para se obter uma grafia legível, é necessário trabalhar atividades



que exercitem o ombro, o cotovelo, o punho e os dedos para que, a posterior, o aluno tenha desenvoltura para escrever de forma eficiente.

No segundo momento, a atividade foi realizada com caixa para escrita (com areia colorida atóxica) o procedimento foi escrever com o dedo na areia utilizando os cartões com as letras ou palavras (ou até frases curtas). Esta atividade ajuda no movimento da escrita, a coordenação motora fina e experiência sensorial, como estímulo lúdico e envolvente para o tato e a visão.

No terceiro momento, a orientação da atividade foi solicitar que a criança encontrar as tampas certas para rosquear nas garrafinhas de plástico ou potes. Esta ação de abrir e fechar é de suma importância para desenvolver a coordenação motora, porque permite aprimorar os movimentos das mãos, bem como trabalhar a concentração.

No quarto momento, a estratégia foi a partir de atividades com isopor utilizando-se da técnica de perfurar desenhos com palitos de dentes ou agulhas para costura com lã ou barbante, a fim de que o estudante alinhe nos espaços furados de cima para baixo, de baixo para cima. Outra forma de atividade pode ser em escorredor de macarrão com cadarço de tênis. Essa atividade favorece a percepção espacial, porque a criança deve seguir uma sequência de furinhos e alinhar corretamente o fio, seja de cima para baixo ou o contrário. O uso do escorredor de macarrão com cadarço de tênis é uma variação que também trabalha essas funções motoras e simultaneamente pode incentivar a experiência tátil e o raciocínio lógico ao lidar com formas.

Assim, essas atividades não são apenas artísticas, mas têm como objetivo fortalecer o desenvolvimento psicomotor, a concentração, a paciência e a coordenação olho-mão, que são fundamentais para o processo de aprendizagem

No quinto momento, envolveu a utilização da atividade para amarrar os cadarços, trazendo a melhoria da coordenação olho-mão, pois estes movimentos são muito semelhantes ao ato de escrever. Além disso, quando um aluno disgráfico consegue realizar uma tarefa simples e independente, sente autoestima e autoconfiança, diminuindo a frustração quando for desenvolver outras habilidades motoras, sobretudo, a escrita.

Do mesmo modo, para que os estudantes segurem corretamente o lápis e exercitem a escrita no caderno, é importante também trabalhar com atividades de grafomotricidade por ser responsável para melhorar a coordenação motora fina realizada pelas mãos e dedos, o que torna-se relevante este desenvolvimento para escrever e necessita que a criança adquira boa tonicidade muscular nos braços e mãos.



Neste sentido, praticar a grafomotricidade é essencial porque auxilia a controlar a força, sequência dos traços e direção melhorando a legibilidade letra para que o texto seja compreendido. Logo, neste fortalecimento do tônus muscular, da coordenação motora fina e a consciência corporal solucionará as dificuldades motoras que causam a escrita ilegível e desorganizada da disgrafia.

Ao fortalecer a coordenação, o tônus muscular e a consciência corporal, a grafomotricidade atua na raiz dos problemas motores que causam a escrita ilegível e desorganizada da disgrafia. Faz-se interessante, por exemplo, utilizar elásticos pequenos e coloridos em copos de plásticos resistentes. Outra atividade bastante eficaz é com a utilização de pregadores de roupas colocando em círculo de papelão para ensinar a escrever as letra maiúsculas e cursivas e desenvolver movimento de motricidade fina. Outro exemplo extremamente importante de atividades grafomotoras com exercícios de pontilhado e labirinto, bem como exercícios pictográficos (desenho, pintura e modelagem),

Como exemplo de exercícios grafomotores também, pode-se trabalhar com atividades de (labirinto e pontilhado) e pictográficos (desenho, pintura e modelagem), a prática constante da caligrafia, a adequação da postura bem como da posição das mãos e do papel, o uso de pincel e a verbalização das formas das letras.

REFERENCIAL TEÓRICO

Etimologicamente, disgrafia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “grafia” (escrita), ou seja, é “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia.” (Torres & Fernández, 2001, p. 127).

Entende-se que Disgrafia está ligada diretamente a funções que impedem uma qualidade na grafia do indivíduo, que por sua vez, afeta a codificação ortográfica e no desenvolvimento psicomotor.

A pessoa disgráfica apresenta também uma série de outros sinais .
que dificultam o desenho das letras, e que por sua vez também causa esse tipo de problema. Entre estes sinais encontram-se uma postura incorreta do material a ser utilizado, que inclui a forma de segurar o lápis, a pressão insuficiente sobre o papel, e também um ritmo muito lento ou excessivamente rápido. (BASTOS, 2013, p.1).



Sendo assim, as características sinalizadoras da disgrafia apresenta-se como um transtorno que dificulta o desenho das letras e a organização da escrita., além da inadequação em segurar o lápis, com coordenação ineficiente, ou ritmo lento e pausado na escrita resultando em caligrafia ilegível desorganizada no papel e dificuldades motoras finas e visomotora.

Do ponto de vista etimológico, “grafo” vem do grego graphein e significa escrita; “motricidade”, vem do Latim motor, do verbo movere, “mover, deslocar”. Assim, o termo grafomotricidade diz respeito ao conjunto das funções neurológicas e musculares que possibilitam, aos seres humanos, os movimentos motores no ato da escrita.

Considerando este conceito de grafomotricidade, o autor destaca a palavra formada por dois elementos: escrita e movimento. Portanto, resulta-se na relação das habilidades motoras finas e os processos neurológicos fundamentais para que as pessoas executem os gestos motores necessários para escrever, integrando o sistema nervoso e os músculos, que coordenam movimentos precisos, ritmo, força e controle para a reprodução no papel.

Para além disso, Ferreira (2018, p. 05) destaca a utilização de práticas psicomotoras de forma direcionada e coordenada quando afirma que:

Com o olhar na mesma direção recorrendo à educação psicomotora torna-se possível constatar diversos problemas psicomotores que cerca a lateralidade, noção corporal, equilíbrio, estruturação espaço-temporal, praxia global ou praxia fina [...]. (Ferreira, 2018, p. 05).

Em razão disso, demonstra-se o quanto é possível identificar e compreender várias dificuldades relacionadas ao desenvolvimento motor e sensorial da criança, quando envolvem complexidades de lateralidade (a capacidade de distinguir e usar preferencialmente um lado do corpo), a noção do próprio corpo, o equilíbrio, a organização do espaço e do tempo, além das praxias – que são os movimentos coordenados, seja de forma global (envolvendo o corpo inteiro) ou fina (movimentos delicados e precisos).

Essas dificuldades podem impedir o desenvolvimento adequado dessas funções e, ao trabalhar com estratégias psicomotoras específicas, o profissional pode ajudar a identificar essas questões e promover melhorias no funcionamento motor, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança



Segundo Wallon (apud DE MEUR; STAES, 1989, p.9): “o esquema corporal é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo”.

Percebe-se nesta teoria de esquema corporal, a percepção interna e mental que a criança constrói de seu corpo, permite entender onde seu corpo está no espaço, como se movimenta e interage com o ambiente, e para alunos com disgrafia, o desenvolvimento emocional e a relação com o ambiente escolar são essenciais para o processo de aprendizagem, pois as emoções influenciam a motivação, a confiança e a interação social, que são fundamentais para o desenvolvimento desses alunos.

Em vista disso, é essencial que a escola desempenhe estratégias de intervenções que considerem os aspectos afetivos, sociais e motores, promovendo um ambiente que favoreça a superação dos desafios da escrita por meio do apoio integral como parte do processo educativo.

CARACTERÍSTICAS DA DISGRAFIA

De fato, a disgrafia é uma dificuldade específica de aprendizagem (DEA) que afeta a caligrafia, a ortografia e a capacidade desafiadora de transformar pensamentos em palavras escritas, envolvendo processos neurológicos que dificultam a codificação e a expressão escrita.

Embora, os alunos disgráficos apresentem uma qualificação de inteligência considerável e uma boa oralidade, eles sentem dificuldade em expor suas ideias no papel com clareza.

Hudson (2025, p. 68) menciona que existem três formas de disgrafia e os sintomas e o tratamento eficaz podem variar dependendo da causa:

- Disgrafia espacial: processamento visual e compreensão do espaço ruins. Isso causa dificuldade para escrever em linhas e espaçar letras. O desenho e a colorização também serão afetados. Tanto o trabalho copiado quanto o original são desorganizados e podem ficar ilegíveis. A ortografia é normal;
- Disgrafia motora: controle motor fino ruim dos músculos da mão e do de punho, o que torna a escrita difícil e cansativa e geralmente resulta em uma escrita desorganizada ou ilegível, mesmo durante o copiar. A ortografia não é afetada;



- Disgrafia de processamento (às vezes chamada de disgrafia disléxica): dificuldade de visualizar a aparência das letras em uma palavra, o que faz com que as letras fiquem malformadas e na ordem errada quanto escritas. O trabalho escrito original é ilegível, mas o trabalho copiado é melhor. A ortografia é ruim.

Silva (2018, p. 2) ressalta que nos primeiros anos de vida, o desenvolvimento psicomotor desempenha um papel crucial na formação de habilidades essenciais, como a coordenação motora, o equilíbrio, a lateralidade e a percepção espacial. Essas habilidades são fundamentais para a aprendizagem e para a interação social, uma vez que influenciam diretamente a capacidade da criança de explorar o ambiente ao seu redor, se comunicar, e construir vínculos afetivos.

Por este motivo, compreende-se que são diversos os fatores que dificultam a eficiência de uma escrita legível. Todavia, a contribuição de forma positiva para que se obtenha um bom desempenho pode ser realizada através de um espaço estimulante e criativo.

Além disso, Almeida (2010) relata alguns sinais nos escritos de uma criança que se observados vários entre estes, pode ser vestígios de que se trata de um digráfico, tais como: letras colocadas umas sobre as outras; grandes espaços em branco, com empelotamentos nas letras; força exagerada, chegando a marcar outras páginas do caderno; traços descontrolados, letras que dançam nas linhas; inversão de letras (escrita em espelho), situações essas que podem ser observadas já nos primeiros anos de alfabetização por parte de um profissional atento, ou que já estudou algo nessa área.

De acordo com Tavares e Rodrigues (2020), essa condição pode se manifestar por meio do uso inadequado do espaço gráfico, da alternância indevida entre letras maiúsculas e minúsculas e de dificuldades na realização de cópias. Essas características podem tornar as atividades escritas extremamente desafiadoras para o aluno, levando-o, em muitos casos, a evitar ou resistir a tarefas que envolvam a escrita manual.

Importante ressaltar que tais dificuldades não devem ser interpretadas como desinteresse ou falta de esforço por parte do estudante. Pelo contrário, trata-se de uma condição neuropsicomotora que exige compreensão, acolhimento e intervenções pedagógicas adequadas.

Nesse contexto, o desconhecimento sobre a disgrafia pode resultar em julgamentos equivocados e impactar negativamente a autoestima do aluno, contribuindo para sentimentos de frustração, insegurança e exclusão no ambiente escolar.

Cabe ao professor, estabelecer um processo significativo de aprendizagem dos



alunos de acordo com o ritmo de desenvolvimento para a aquisição da leitura e escrita.

Nesta perspectiva, de acordo com Andrade et al. (2016, p. 7):

Os professores da educação infantil precisam ter um conhecimento correto sobre as atividades sensoriais e sua importância para o desenvolvimento saudável das crianças. Estes profissionais devem compreender que é importante que desde cedo a criança tenha contato com estas atividades para que possa atingir o máximo do seu potencial e desenvolver as habilidades necessárias para o seu desenvolvimento integral. (Andrade et al. 2016, p. 7).

Por conseguinte,, o autor ressalta a necessidade de que os educadores infantis reconheçam a importância das atividades sensoriais como práticas significantes para a formação e o amadurecimento das funções cognitivas, físicas, emocionais e sociais desde a primeira infância dos seus estudantes para que se desenvolva o pleno exercício da aprendizagem, contrapondo a rotina repetitiva em que, infelizmente, algumas escolas exercem quando se trabalham com atividades sensoriais meramente como passatempo, ou seja, sem uma intencionalidade pedagógica.

Sendo assim, estes conhecimentos profissionais envolvem alguns aspectos centrais, a saber:

- A função pedagógica de cada experiência sensorial, por exemplo: utilizar a massinha ou a argila fortalece a coordenação motora fina, fundamental para a escrita futura.
- Utilização de brincadeiras com sons e músicas beneficiam a percepção auditiva e a linguagem.
- Os jogos de movimento estimulam o equilíbrio, a noção espacial e a autoconfiança.

Portanto, o conhecimento utilizado de forma adequada no planejamento das atividades contribui para o desenvolvimento integral.

No que diz respeito ao contato precoce da criança quando se aprende a explorar o mundo com os sentidos, a escola possibilita-lhe as primeiras formas de compreender a realidade com exercícios e faz contruir conexões neurais de aprendizado, exercitar a curiosidade, a criatividade e a resolução de problemas. Desse modo, quanto mais cedo estes estímulos são oferecidos, maior a chance da criança em desenvolver as habilidades de forma plena.

Em razão disso, a Base Nacional Comum Curricula (BNCC) orienta que as



experiências sensoriais não apenas enriquecem a vivência lúdica, bem como asseguram os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Assim, o trabalho pedagógico consciente e com embasamento garante que o estudante atinja seu potencial máximo.

É de suma importância também estimular a grafomotricidade com atividades específicas, pois refere-se às habilidades de coordenação motora fina, controle do traço, organização espacial e ritmo motor, a fim de que se desenvolva a autoconfiança do aluno superando a dificuldade associada à dislexia.

As propostas apresentadas para a aquisição da escrita deve-se a um processo em que o domínio da habilidade grafomotora se concretiza quando existe, de fato, a interação entre profissional, ambiente estimulante e aluno. Neste aspecto, compreende-se que as atividades contribuem de forma significativa para o desenvolvimento das habilidades e adaptações dos estudantes no aprendizado da escrita, ou seja, o conhecimento atua dentro de um processo de interação entre o corpo, o objeto de aprendizagem e o meio em que foi inserido esta relação.

Sendo assim, evidenciamos a fala de Le Bouch (1984), a educação psicomotora atingirá seus objetivos quando trabalhada na escola, nas séries iniciais, pois é, nessa fase que a criança passa a conhecer a si, seu corpo, suas vontades, constrói sua personalidade, definindo conceitos, pensamentos, ideias, crenças, enfim, torna-se um ser consciente

Percebe-se que nestes enfoques abordados, demonstram várias fases do desenvolvimento psicomotor pelas quais as crianças percorrem para adquirirem a habilidade grafomotora da escrita.

Sob este olhar, quando os professores favorecem a construção do conhecimento como mediadores conscientes e capazes de planejar estas atividades com propósito e intencionalidade, respeitando o ritmo e as necessidades individuais de cada criança, despertarão nelas o interesse, o fortalecimento da expressão verbal e o foco, além de criar um ambiente colaborativo, de socialização e confiança entre os colegas e professores.

Para Mantoan (2007), o desafio da inclusão provoca inquietações, e consequentemente, a melhoria da educação, portanto, para que os alunos alcancem o direito a educação em sua plenitude, é imprescindível que as escolas aprimorem suas práticas, com o intuito de atender às diferenças.

Neste contexto, recomenda-se reforçar positivamente o princípio fundamental da inclusão de educação contemporânea, com o objetivo de garantir o acesso, a permanência e o desenvolvimentos de todos os alunos, independente de suas necessidades educacionais específicas, com práticas diferenciadas, acolhedoras e baseadas em evidências garante o



acesso a uma educação de qualidade.

No âmbito dessa perspectiva, ressalta-se a construção de uma educação para a inclusão e minimização do fracasso escolar depende de posturas diante de crianças com dificuldades. A inclusão educacional e a aceitação de crianças com distúrbios na sua vida escolar exigem dos professores, a reconstrução do saber da escola, além de melhoria na formação para trabalhar pedagogicamente com a heterogeneidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO (PODENDO INSERIR TABELAS, GRÁFICOS OU FIGURAS).



e aprendizados no campo educativo e acadêmico.

Diante do anunciado, reflete-se para contribuir positivamente no desenvolvimento dos estudantes, proporcionando um ambiente rico em estímulos e criatividade.

Vale ressaltar que as estratégias foram elaboradas de acordo com os objetivos a alcançar, a fim de que os ritmos individuais de cada estudante fossem respeitados.

Em termos de intervenção, é considerável perceber que dentre outros transtornos de aprendizagem, a disgrafia requer também que seja identificada, bem como se façam encaminhamentos para uma equipe multidisciplinar, a saber, professor, psicopedagogo, neuropsicólogo, psicomotricista, terapeuta ocupacional, neurologista ou neuropediatra para que ajudem a criança ou adolescente disgráfico. Torna-se importante que, desde a demonstração visível da disgrafia até encaminhamento, estabeleça-se uma atitude de cautela e afetividade com o aluno, a fim de que se sinta acolhido e desta forma, possibilite um fator determinante para a motivação e o desejo de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que a intervenção precoce na vida do indivíduo é de suma importância para amenizar os resultados da disgrafia. Em vista disso, estratégias como estímulos linguísticos globais e a ludicidade promovem situações prazerosas para que a criança utilize a escrita, bem como as atividades que auxiliam o desempenho motor possibilitando resultados positivos no processo de ensino-aprendizagem.

Destarte, é fundamental que o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem seja pautado em uma educação humanizada, participativa e inclusiva, tendo em vista a construção de práticas integradas e colaborativas reconhecendo e respeitando as individualidades de cada estudante com mediação e apoio contínuo na otimização do processo de aquisição da escrita.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. O. et al. **Percepção dos professores sobre a importância das atividades sensoriais para o desenvolvimento infantil.** In: II CINTEDI – II Congresso Internacional de Educação Inclusiva. 2016. Centro de Integração Acadêmica da Universidade Estadual da Paraíba (CIAC/UEPB), em Campina Grande, Pernambuco. p. 7.

BASTOS, Ana Carmen. **Associação Portuguesa de pessoas com dificuldades de**



aprendizagem específicas - appdae, 2013.

HUDSON, Diana. **Diferenças específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com: Dislexia, Discalculia, Disgrafia, Dispraxia, TDAH, TEA, TOC, Síndrome de Asperger, Evitação patológica de demanda (EPD), Transtorno de processamento sensorial (TPS), Tiques e Síndromes de Tourette.** 2. Ed. – Petrópolis, Rj: Vozes , 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A escola que queremos para todos.** São Paulo: Cortez, 2006.

RESENDE, Valéria Barbosa de. **Grafomotricidade.** In: Glossário Ceale. Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG. Disponível em: ceale.fae.ufmg.br/verbetes/grafomotricidade. Acesso em: jan. 2025.

SILVA, Karol Alcantara da. **A importância da psicomotricidade para educação infantil: movimentando e aprendendo.** 2018. Trabalho apresentado na IX Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica e II Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, Universidade Cesumar, Maringá, PR. Disponível em: <https://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/2124>. Acesso em: 27 jun. 2025.

TAVARES, Livânia Beltrão; RODRIGUES, Sonia das Dores. **O que é disgrafia?** Instituto Claro, 2020. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/o-que-e-disgrafia/>. Acesso em: 11 maio 2025.

TORRES, R. & FERNÁNDEZ, P. **Dislexia, Disortografia e Disgrafia.** Amadora: McGrawHill, 2001.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

